

ESPAÇO DE CULTURA E ARTES ACADÊMICA MARIA DE LOURDES BRITTO PESSOA – AIMORTALIDADE



Francisco Orniudo Fernandes
Acadêmico Titular da APMED
Cadeira de Número 05

Em reunião plenária do Conselho Regional de Medicina da Paraíba - CRM-PB, realizada em 25 de janeiro deste ano, o conselheiro Wilberto Silva Trigueiro, atual presidente da Academia Paraibana de Medicina- APMED, propôs a criação do Espaço Cultural Acadêmica Maria de Lourdes Britto Pessoa, em uma área no hall de entrada da sede da nossa entidade de classe.

A oportuna propositura obteve aprovação unânimee exprime justa homenagem à acadêmica fundadora e primeira mulher ocupante da presidência da APMED, de dezembro 1994 a dezembro de 1998, antes, tendo assumido a terceira presidência desde sua fundação em 1980.

Dra. Maria de Lourdes é também pioneira como representante feminina a presidiruma filiada da Federação Brasileira de Academias de Medicina no Brasil – FBAM.

A solenidade de inauguração do Espaço Cultural ocorreu no dia 17 de março de 2023, em cerimônia com grande número de acadêmicos, familiares e amigos dahomenageada.

Na abertura do ato, discursou Dr. Wilberto Silva Trigueiro, presidente da APMED, traçando o perfil exemplar da professora Maria de Lourdes Britto Pessoa e agradecendoo apoio do presidente do CRM e dos conselheiros pelo espaço cedido. E mais.

Reforçou a necessidade do fortalecimento da integração das duas entidades, de demais órgãos da área da saúde e de outras academias. Em seguida, acadêmico JoãoModesto

Filho, presidente do CRM-PB, concluiu evocando fatos que marcaram a vida acadêmica com ênfase para sua fecunda contribuição ao ensino e à psiquiatria.

Por último, o acadêmico Mario Toscano de Brito Filho, sensibilizado e em nome da família, externou gratidão ao Dr. Wilberto Silva Trigueiro, pelo tributo prestado à insigne Dra. Maria de Lourdes; ao Dr. João Modesto Filho e conselheiros do CRM-PB, pela concessão do Espaço e pela presença dos acadêmicos, familiares e amigos.

No breve pronunciamento, ele afirmou que sempre se sentiu um privilegiado com a convivência da homenageada, ora como aluno, ora como colega de magistério na UFPB e, posteriormente, no mesmo convívio no seio familiar na condição de esposo de sua filha Maria Helena.

Encerrou sua locução realçando o merecimento da acadêmica, sempre à frente do seu tempo, como o seu brilho e amor no desempenho das funções e cargos que exerceu durante sua longa trajetória de vida.

E a todos convidou para a exposição fotográfica com das principais imagens que resgatam belas passagens da vida da professora Lourdes, organizada pelo confrade Claudio Orestes seu sobrinho, e a bem cuidada ambientação a cargo de Dr. Walter Azevedo, e da competente secretária da APMED, Shelica Melo, culminando a homenagem que coincide com o ano em que ela completaria o seu centenário de vida.

Destaques da vida da acadêmica Maria de Lourdes

Origem – Família

Maria de Lourdes Britto Pessoa nasceu em João Pessoa no dia 22 de junho de 1923, filha de Epitácio Britto e Julhinha Guimarães. Do casamento nasceram quatro irmãos: Jorge (primogênito), Leda, Beatriz e Orestes, pai do nosso colega Claudio Orestes. Epitácio Britto exerceu forte e decisiva influência paterna na formação da sua marcante personalidade, a ela dando todo apoio nas suas pretensões; sem interferir nas opções que tomava.

Infância e adolescência

Brincou ela com bonecas até os quinze anos. Incentivada por seus pais, gostava muito de ler.

Por orientação de uma das tias, aprendeu a compor e recitar versos, e os recitava com enorme prazer.

Aos nove anos, ganhou sua primeira professora, Carmen Coelho, ser humano maravilhoso que lhe deixou no espírito marcas profundas.

Antes dos dez anos, organizou em sua própria residência, uma pequena biblioteca com os livros e lembranças que recebia das amigas e familiares, nominando-a em placa como deferência ao seu avô paterno de Biblioteca Orestes Britto. Os livros eram emprestados às coleguinhas, e, após 10 a 15 dias, com elas se reunia para debates sobre o conteúdo das leituras, com participação de uma tia que estimulava o gosto pelo saber.

Nessa mesma época, passou a escrever a coluna o Guri, às quartas-feiras no Diário de Pernambuco, e, aos domingos, no Suplemento Infantil do Jornal do Comércio - primeiro passo das suas atividades intelectuais.

Desde os dez anos de idade, seu verdadeiro sonho era ser médica, influenciada na infância, pela presença frequente do Dr. Otávio Soares na infância em Forte Velho, de gratas recordações.

Dr Lourival Moura, nas visitas aos seus genitores da futura psiquiatra alimentava, com sua ternura e sabedoria, sempre o seu desejo da carreira que sempre sonhou. Alguns anos depois, a figura mansa e cortês do Dr. Luiz Gonzaga de Miranda Freire, seu médico na adolescência, que a tratou de quadro infeccioso, tornou-se o “doutor” da família, intensificando mais o acalentado desejo de formar-me em medicina.

Primário e ginásio

Fez o curso primário, exame de admissão e curso ginásial no Colégio Nossa Senhora das Neves.

Curso científico e vestibular

Aos dezesseis anos, estudou o curso científico no Colégio Osvaldo Cruz, em Recife, que acolhia estudantes de ambos os sexos. Dizia que sofreu muito com saudade dos queridos pais e dos animais de estimação. Submeteu-se ao vestibular para medicina, na Universidade do Recife, em 1943.

Curso Superior – Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco

Formou-se em 1948, na Universidade Federal de Pernambuco, numa turma numerosa, mas com apenas 13 mulheres.

Nos encontros entre colegas, era costume seu comentar um fato marcante durante o curso, “quando iniciou a cadeira básica de anatomia, ao entrar no anfiteatro, minha preocupação era evitar ver dois cadáveres sobre as pedras; fixava durante as aulas o olhar no professor, marcas pudicas que ficaram na formação deturpada durante o curso ginasial. Tinha medo de macular minha inocência. No decorrer do ano letivo percebeu como eram errôneas as instruções no colégio das freiras onde estudou - um período que restringiu e modificou muito a forma de encarar com respeito o ser humano”.

Durante o curso médico conheceu o colega e aluno da mesma turma, Vanildo Guedes Pessoa, amigo e companheiro, com quem se casou após a formatura.

Juntos colaram grau, no dia 11 de dezembro de 1948 numa bela solenidade no Teatro Santa Isabel.

Do matrimônio, nasceram os filhos Vania Maria, Vanildo, Maria Helena, Sílvio e Paulo Luciano (in memoriam). E viveram 27 anos casados.

Dr Vanildo é patrono da Apmed.

Retorno para João Pessoa

Com o término do curso, em janeiro de 1949, retornou ela à João Pessoa, convidada para exercer a pediatria no ambulatório do Hospital Santa Isabel. Nessa época as médicas trabalhavam apenas em três especialidades – pediatria, ginecologiae obstetrícia.

Numa mudança radical – no dia primeiro de maio, desse mesmo ano, foi ela convidada por Dr. Luciano Ribeiro de Moraes - um profissional muito importante na sua vida - para assumir o primeiro emprego, no Serviço Social do Comércio - SESC, onde atuou durante cinco anos.

Desafios

Contrariando a vontade da família, por ser ainda muito jovem, com a mediação do Dr. Luciano Ribeiro de Moraes e apoio do Dr. Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, fez pós-graduação no Departamento Nacional de Saúde/Rio de Janeiro, órgão do Ministério da Saúde. No curso de pós-graduação já estava noiva do colega Vanildo Guedes Pessoa.

Frequentou e concluiu o Curso de Especialização em Psiquiatria e Higiene Mental na Divisão Nacional de Saúde Mental.

Durante esse tempo, conheceu e fez amizade com vários professores como destaque a doutora Nise Magalhães Silveira. Consultava os famosos Erich Fromm e Emilio Myra e Lopes, os mais renomados.

Nise Magalhães Silveira, médica brasileira, foi conhecida mundialmente por sua contribuição à psiquiatria; chegando a estudar com Carl Jung. Alagoana de Maceió, revolucionou o tratamento mental no Brasil e tornou-se pioneira no estudo e na pesquisadas relações afetivas entre pacientes e animais.

Concluída a pós-graduação, voltou para exercer atividades profissionais na terra natal.

Atividades ao longo de sua profissão

Ambulatório de pediatria do Hospital Santa Isabel – 1949;

Serviço Social do Comércio - SESC – maio de 1949. Permaneceu durante cinco anos;

Coordenadora de psiquiatria da Colônia Juliano Moreira

Referindo-se ao período de trabalho na Colônia Juliano Moreira durante 28 anos,foi taxativa em assegurar que carregou doces e amargas recordações, na luta incessante que travou contra tudo e contra todos, para oferecer melhores condições a doente mental - foi a primeira vez que teve contato próximo com o doente mental. No início, tomou-se do medo de acontecer algum problema, como o de sofrer agressões físicas, mas mesmo tão jovem fez-se respeitada dos pacientes, funcionários e colegas.

Pontua ela:

“Fiz uma revolução na Colônia Juliano Moreira. Com apoio dos colegas, determinei separar uma cozinha para a ala de meus pacientes, porque presenciei que a comida servida aos doentes era procedente de caldeirões sem nenhuma higiene. As refeições eram servidas aos doentes no chão, e os alimentos distribuídos, pegavam elescom as mãos. Passaram depois a comer com talheres e copos, sentados nas cadeirasao redor das mesas. Fiquei abalada e revoltada com quadro tão desumano. ”

Magistério

Foi ela auxiliar de Ensino em Psiquiatria, professora de psicologia e psiquiatria da UFPB durante 35 anos, titular da disciplina de Psicologia Médica. E teve a honra de proferir a Aula da Saudade para vinte turmas concluintes.

Chefe do Departamento de Psiquiatria e Psicologia - nunca deixou a sala de aula, até mesmo quando respondia por cargos de chefia.

Ocupou a diretoria do Instituto de Neuropsiquiatria Infantil – serviço público que acolhia doentes da Paraíba e de outros estados do País.

Com determinação destacado comando nesse órgão, melhorando as condições de funcionamento, com prontas providências para separar definitivamente dos adultos a convivência das 84 crianças, em ambiente insalubre e de promiscuidades.

Assumiu em 26 de março de 1987, a Cadeira N° 32, da Academia Paraibana de Medicina - APMED, cujo patrono é Dr. Newton Nobre de Lacerda, saudada pelo acadêmico Fundador e Titular, José Lavoisier Feitosa.

Assumiu a presidência da Academia Paraibana de Medicina - APMED, nos biênios de 1994 a 1996 e 1996/1998. Foi a terceira a assumir a função de presidente desde a fundação da APMED.

E empalmou a representação da Paraíba na Sociedade Brasileira de Escritores Médicos.

Pioneirismo da homenageada

Primeira mulher psiquiatra da Paraíba. Acolheu em seu consultório pacientes da Paraíba e Estados vizinhos.

Inspetora Federal da Divisão Nacional de Saúde Mental - DINSAM, ambulatório de saúde mental em João Pessoa, exercendo o cargo durante 30 anos.

Coordenadora de psiquiatria do Estado da Paraíba.

Primeira médica professora a exercer o cargo de chefe do Departamento de Psiquiatria e Psicologia.

Primeira mulher a assumir a presidência da Academia Paraibana de Medicina e também, como primeira representante da Federação Brasileira das Academias.

Iniciou seu discurso de posse na APMED afirmando “ a figura do médico sempre atraiu; desde criança exerceu sobre mim um certo fascínio. A sobriedade de seu porte, suas vestes brancas, sua austera bondade, tudo enfim, fazia deles, os médicos, aos meus olhos, seres diferentes, merecedores do maior respeito e admiração”.

Consultório

Clinicou no consultório particular durante 62 anos, com orientação humanística preconizando o tratamento com dignidade e amor. Nunca indicou o eletrochoque nem a camisa de força, enfatizando que o doente mental reconhece a autoridade do médico. Era elegante no exercício da profissão, a todos atendendo com senso de humor - no início, crianças e adolescentes; depois, também adultos.

Sempre reconheceu a importância e o valor da eletroconvulsoterapia parareverter quadros graves de agitação psicomotora, pela rapidez e resposta. Mesmo sabendo que o tratamento com remédios é mais demorado, preferia sempre optar pelo tratamento humanizado, ou seja, com atenção, carinho, ternura e amor. Nunca aplicou também a “camisa de força”, para imobilização do paciente.

Curiosidades em seu turno

No curso médico logrou amizade do afrodescendente de alcunha Vitamina, modesto vendedor de laranjas que legara o seu corpo para o Pavilhão de Anatomia Descritiva e Topográfica. Ele expressou o desejo de ser dissecado pós morte pelos mestres e estudantes de medicina, e de ser sepultado em cova rasa, com honras estudantis, lágrimas e flores.

No Instituto de Neuropsiquiatria Infantil entre as crianças internas, um paciente havia entre 6 a 7 anos, que o chamavam de “mudinho” porque não falava desde quando internado. Ela passou a observá-lo com mais frequência. Resolveu reunir todas as crianças no pátio do serviço, distribuindo cadernos e lápis. Propositadamente não entregou o material para o “mudinho”, que reagiu pedindo lápis e caderno porque também queria escrever. A auxiliar que acompanhava as crianças, gritou: doutora o mudinho acabou de falar exigindo o material.

Foi um momento de maravilhoso espanto para todos, de muita alegria. Em seguida, ele falou para a doutora Lourdes o seu nome completo. Estava melhor.

Em outra ocasião quando em trabalho no ambulatório do então Serviço Nacional de Saúde Mental o respeitado colega Newton Lacerda experimentou um novo aparelho para aplicação de eletroconvulsoterapia e; durante o teste, a auxiliar inverteu os cabos do aparelho. Ele fazia questão de testar pessoalmente o aparelho. Com os eletrodos invertidos, ao invés de pegar no cabo, pegou nos eletrodos, apresentando imediatamente uma convulsão, caindo lentamente no chão.

Nessa ocasião, ficou ela muito angustiada e a auxiliar Patrícia apavorada. Quando ele acordou, sem perder o apuro emocional, comentou sorridente: Lourdes, foi até bom porque eu estava precisando mesmo... e, além disso, fiquei mais tranquilo. Não se sente absolutamente nada! Há realmente perda total da consciência!

Isto foi bom porque por experiência própria tenho a certeza de que o doente não sente nada – arrematou ele.

Momento relevante de sua vida profissional

Dirigiu sessão da Academia Nacional de Medicina e recebeu o **Diploma de Honra ao Mérito pelos serviços prestados a Paraíba e ao Brasil.**

Dra. Maria de Lourdes - ser humano exemplar que deixou um legado para todos que tiveram o privilégio de desfrutar de sua amizade e respeito.



Entrevista para o DMIS-CRMPB, ao lado do acadêmico Manoel Jaime e do autor.

Os dados em destaque sobre a vida da Dra. Maria de Lourdes Brito Pessoa - e

registrados neste artigo - vieram dos familiares; dos encontros na UFPB, do convívio da Academia, das entrevistas do Departamento Museu da Imagem e do Som, do Conselho Regional de Medicina da Paraíba - DMIS, da Revista da AMPB, -Associação Médica da Paraíba, agosto de 2012; das pesquisas dos nos Anais da APMED – Ano I Número I – 2005; e, da História da Academia Paraibana de Medicina – João Medeiros Filho 2020.